

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: A GUERRA NO CINEMA

PARTE 1 – O CINEMA NO CAMPO DE BATALHA

23 e 25 de Fevereiro de 2023

RED BALL EXPRESS / 1952

O MUNDO EM CHAMAS

um filme de BUDD BOETTICHER

Realização: Budd Boetticher *Argumento:* John Michael Hayes *a partir de uma história de* Marcy Klauber e William Grady Jr. *Fotografia* (35 mm, preto-e-branco): Maury Gertsman *Som:* Leslie I. Carey, Joe Lapis *Montagem:* Edward Curtiss *Direcção artística:* Richard H. Riedel *Cenografia:* Oliver Emert, Russell A. Gausman *Interpretação:* Jeff Chandler (Tenente Chick Campbell), Alex Nicol (Sargento Red Kallek), Charles Drake (Partridge / narrador), Judith Braun (Joyce), Sidney Poitier (Robertson), Jacqueline Duval (Antoinette), Bubber Johnson (Taffy), Robert Davis (McCord), Hugh O'Brian (Wilson), Frank Chase (Higgins), Cindy Garner (Kitty), Palmer Lee (Tenente do Rnaque), John Hudson (Sargento do Tanque), Jak Kelly (Heman), Howard Petrie (General Gordon), etc.

Produção: Universal International Pictures (EUA, 1952) *Produtores:* Aaron Rosenberg *Produtor associado:* John W. Rogers *Agradecimentos (cartão final):* Department of Defense, Transportation Corps of the Army, Virginia National Guard *Cópia:* dcp, legendada eletronicamente em português, 83 minutos *Estreia:* 24 de Maio de 1952, em LA *Estreia em Portugal:* 6 de Dezembro de 1954, no cinema Olímpia *Primeira apresentação na Cinemateca.*

Autor de Hollywood subestimado. Eis o teor comum das referências que actualmente se encontram sobre Budd Boetticher, o realizador de *Red Ball Express*, título também ele entrado no limbo. Boetticher realizou para a Universal pela altura em que começa a dedicar-se ao western, género ao qual o seu nome ficou mais associado, sobretudo na variação série B do final da década de 1950 em que assina uma fiada deles protagonizados por Randolph Scott. O seu caso com o western começa na Universal, porque sim, diria ele que nada sabia do Oeste, e que em 1952 – o mesmo ano de *Red Ball Express* – assinaria *The Cimarron Kid*, *Bronco Buster*, *Horizons West*. Foi assim a abrir, dando azo aos mais tardios *Seminole*, *The Man from Alamo*, *Wings of the Hawk* (1953), ou aos tais títulos da “série Randolph Scott” que inclui *Ride Lonesome* (1958) e finaliza com *Comanche Station* (1960), ou ainda da história que está na base do argumento filmado por Don Siegel com Shirley MacLaine e Clint Eastwood em 1970, *Two Mules for Sister Sara*. Tudo isto entre ficções de aventura, crime, um influente trabalho na televisão. E guerra, no caso de *Red Ball Express*, “the never before told story of the devil drivers of the army!” Ou então, um filme de guerra em variação *road movie*. Também pode dizer-se assim.

Os soldados trocam tanques – “home sweet home”, o arrepio começa aí – por camiões. Ambientado na Segunda Guerra Mundial, o filme retrata o episódio verídico do sistema de caravanas de camiões de abastecimento montado na sequência do Dia D, o 6 de Junho de 1944 da invasão da Normandia, quando se tornou necessário abastecer o avanço das forças aliadas na Europa. O transporte prioritário da carga seguia um caminho fechado ao tráfego civil, numa operação que decorreu em oitenta e três dias, entre meados-final de Agosto e meados de Novembro de 1944, assumindo-se como missão de altíssimo risco. A sua designação, comum ao título do filme de Boetticher, refere um serviço expresso de carga em actividade por volta de 1892, quando terá sido adoptado pelos caminhos-de-ferro de Santa Fe. Uma das suas características, e um vector importante de *Red Ball Express*, era o facto de uma elevada percentagem das tripulações (condutores e coadjuvantes) ser formada por jovens soldados negros com pouca ou nenhuma experiência de condução de pesados. A propósito deste filme, em que Sidney Poitier interpreta um dos seus primeiros papéis de relevo protagonizando um militar que lida com a discriminação de que se sente alvo, nota-se amiúde que a esmagadora maioria dos pelotões do verídico Red Ball Express era formada por soldados afro-americanos conduzidos por oficiais caucasianos. Neste contexto, Boetticher realiza uma das

primeiras obras que problematizam (termos do programa da Cinemateca) “em plena consciência, e até em finta à censura militar, as questões raciais no contexto militar americano”. No filme, em que a personagem do General (Gordon) é um reflexo da do General Patton (ainda assim expressamente mencionado), a Defesa americana que colaborou com a produção, terá insistido com o estúdio para que as questões raciais fossem mitigadas, o que levou o realizador a declarar em 1979 (citado no artigo de Sean Axmaker, “Ride Lonesome: the career of Budd Boetticher”, *Senses of Cinema*): “O Exército não deixava que contássemos a verdade sobre as tropas negras porque o governo as considerava fáceis de substituir. O nosso governo não queria admitir que eram pilotos kamikaze.” *They were expendable*, no original é ainda mais lancinante.

Boetticher considerava o western “uma atitude moral” e definiu-o em contraponto ao filme de guerra (*Cahiers du cinéma* nº 147, Setembro 1973): “Os meus westerns são filmes em que, numa ou várias situações, há indivíduos que aceitam enfrentar perigos em que arriscam a morte para cumprirem um objectivo preciso, com um elemento feliz ou infeliz segundo os ditames do argumento e os desejos do realizador. O que deve ser oposto ao filme de guerra, em que os exércitos são lançados ao perigo e à destruição pelo Destino e pelas corporações das nações implicadas nas guerras em causa. Dito de outra maneira, prefiro que os meus filmes assentem em Heróis que *querem* fazer o que fazem apesar dos perigos e riscos de morte. Mesmo que em causa esteja apenas uma vingança, as minhas personagens, homens ou mulheres, sempre decidiram a sua maneira de agir. Fizeram uma escolha à qual permaneceram fiéis. O único, entre mais de 54 títulos, que não obedece a tal regra é *Red Ball Express*, com Jeff [Chandler], Deus o guarde. Se tivesse podido falar dos verdadeiros problemas do soldado negro, a história teria sido diferente, e um dos grandes actores da nossa época, Sidney Poitier, não teria sido desperdiçado. Felizmente, foi redescoberto pouco tempo depois. Cumpre apenas notar que o produtor Aaron Rosenberg é o único homem para quem trabalhei e que admiro.” Nesse depoimento, B.B., que assim assina (como Brecht, como Bardot), prossegue talvez lembrando a sua própria experiência militar durante a Guerra, em que cumpriu serviço no Naval Photographic Science Laboratory e participou em títulos documentais e de propaganda: “Não estou no entanto a denegrir todos os soldados: todos tentámos ser corajosos em combate, mas a guerra provoca uma coragem forçada, obrigatória que, para mim, é terna, triste e fraca. Na guerra, os homens não morrem a cores, em grandes ecrãs. Morrem na lama, na neve, e o tamanho do ecrã deve evocar o do vosso televisor porque eles morrem *sós*. Nenhum quer morrer e detesto criar um filme sobre pessoas que forçamos a fazer isto ou aquilo.”

Há homens corajosos, homens que hesitam, homens que morrem em *Red Ball Express*, quase exclusivamente composto no masculino, nove fora a jovem rapariga francesa de bicicleta (e fugazmente a mãe e as irmãs pequenas dela) que se cruza na estrada de terra, algures em França, com o soldado da caravana que acumula com o narrador (o *off* vai pontuando o relato-flashback da história); e as duas impecáveis jovens trabalhadoras do camião da Cruz Vermelha onde há café, embora só no final haja acordo do comandante para uma efectiva pausa-café (*happy end*). É um dos camiões que se atolam e a que é preciso trocar um pneu num dos episódios que representam a tensão vivida no seio do pelotão em que, a somar à situação de alta tensão, actuam hierarquias e a voz de comando tem de fazer-se ouvir. O Tenente Campbell e o Sargento Kallek, cujo reencontro não mitiga um conflito antigo envolvendo um acidente mortal, protagonizam um polo antónomico visível, que acompanha a dificuldade extrema, técnica e logística, da operação (parcialmente dada a ver a partir das imagens verídicas do material de arquivo), a fadiga e exaustão dos operacionais dessa “missão kamikaze” em que a cor da pele contou e não contou pouco, as emboscadas, as minas, o perigo constante. A contradição humana ronda inevitavelmente o filme e as personagens, exemplar na sequência em que um dos soldados mostra a sua fibra e paga com a vida, abrindo caminho a um momento de luto partilhado pelo pelotão aí defendido pelo seu comandante como uma comunidade de homens que – não é dito – seriam iguais.